

ASPECTOS SOCIOLÓGICOS DO HOMOSSEXUALISMO EM SÃO PAULO

JOSÉ FABIO BARBOSA DA SILVA

Uma área de pesquisas que tem permitido contribuições importantes para o conhecimento do comportamento social é a do estudo de grupos. No campo de estudos da sociologia denominado Patologia Social e Desorganização Social, o contexto grupal tem mostrado grande utilidade para o conhecimento não só dos caracteres estruturais e organizatórios, como das inter-relações entre grupo e sociedade global. Apesar do imenso material empírico acumulado até a atualidade, nessas zonas de interesse, algumas questões importantes ainda desafiam a atenção e as contribuições dos sociólogos. Entre elas, sobrepõe o estudo do comportamento homossexual, cujas dificuldades à abordagem sociológica são sobejamente conhecidas.

O característico diferencial básico para a existência do grupo homossexual é a existência de indivíduos, na sociedade global, de comportamento homossexual, isto é, que sejam homossexuais constantes ou demonstrem, pelo menos, uma atitude mais favorável às relações homossexuais do que as heterossexuais. A existência de indivíduos com esse caráter em nossa sociedade é evidente; dados de simples observação comum assim o demonstram. Para o conhecimento do número de indivíduos, não existe, entretanto, nenhuma fonte que nos permita avaliar na população total. Informações de pesquisas realizadas em outros locais (Estados Unidos) podem nos dar, de alguma forma, uma idéia tosca dessa situação. Kinsey indica que 37% do total da população masculina ostenta algum tipo de experiência homossexual ('overt' ao ponto do orgasmo, entre a adolescência e a idade madura). Suas descobertas indicam que, na sociedade norte-americana, 30% de todos os homens têm pelo menos experiências ou reações homossexuais acidentais manifestas no período de 16 a 55 anos; 25% da popu-

lação masculina têm mais que simples experiências ou reações homossexuais manifestas acidentais entre 16 e 55 anos; 18% dos homens têm muito mais de homossexual que de heterossexuais em suas vidas, pelo menos entre 16 e 55 anos; 4% dos homens brancos são exclusivamente homossexuais em suas vidas, após o período da adolescência.

Várias das condições que têm sido apontadas como significativas para o desenvolvimento da homossexualidade, podem ser encontradas em São Paulo, quando efetuamos comparações com os centros onde os dados apontados foram observados, mas em menor intensidade (como os níveis de organização, industrialização e o enfraquecimento dos controles sociais resultantes da própria mobilidade social). No entanto, se considerarmos, *somente por hipótese*, a intensidade do fenômeno semelhante a encontrada por Kinsey, teríamos, em São Paulo: em 1.000.000 de habitantes masculinos um total de 68.000 homens exclusivamente homossexuais em suas vidas, após o período da adolescência.

Para a agência dos indivíduos como grupo existe também a necessidade do aparecimento de uma base espacial. Segundo Park, é inevitável que indivíduos, que procuram a mesma forma de excitação, possam encontrar-se, de tempos em tempos, nos mesmos lugares. (*) O resultado disso, na organização que a vida de uma cidade espontaneamente assume, é que a população tende a distribuir-se no espaço não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos ou seus temperamentos. Essa base espacial pode ser classificada como uma 'região moral' e resulta das influências que agem sobre uma vizinhança tendendo a distribuir e segregar as populações citadinas. A região moral não é necessariamente um local de residência; pode ser, simplesmente um local para encontros, contactos e interação organizada. Podemos, então, dessa maneira, abstrair a região, que pode ser presumida como constituindo a base espacial do grupo homossexual em São Paulo. Ela engloba pontos de reunião pública, privada, de moradia e de encontros amorosos de grande parte dos homossexuais. Uma enumeração dos limites dessa área nos apontaria a sua localização em São Paulo como abrangendo quase todo o 'centro', antigo e atual, ficando à margem apenas as seções bancárias,

(*) Park, Robert E., "Human communities" The Free Press, Glencoe, Illinois, 1952, pg. 50

que ficam à noite — período preferido para a vida do grupo — quase sem nenhum movimento público, dada a inexistência de focos de reunião e a dificuldade para encontro de parceiros sexuais.

A região principal, que tem resistido, durante muito tempo, como ponto de encontro de grande parte do grupo homossexual de São Paulo, pode ser caracterizada por um grande T, formado pela confluência das avenidas São João e Ipiranga, que teria seus limites mais gerais entre os pontos do cinema Oasis, Art-Palácio e início da rua São Luís. A vida de rua encontra alguns focos principais entre os quais podem ser mencionados: imediações do café Mocambo (rua dos Timbiras), do bar do Jeca (esquina da avenida São João com a avenida Ipiranga), o passeio de todo o quarteirão formado pela avenida São João, Ipiranga, praça da República, e rua dos Timbiras, avenida São João desde o cine Oasis até o Art-Palácio (lado ímpar), praça D. José Gaspar (principalmente diante dos bares aí localizados), toda a praça da República, largo Paissandu, rua São Luís (principalmente diante dos bares), praça da Sé, praça Clóvis Bevilacqua, praça João Mendes, praça Ramos de Azevedo (em frente a loja Mappin Stores), à tarde rua Barão de Itapetininga, e os bares República, Nick Bar, Pari Bar, Mocambo, Jeca, Cremeirie, Brahma, Baiúca, os cinemas Art-Palácio, (principalmente segundas-feiras), Oasis, Marabá (principalmente quartas-feiras), Cairo, Pedro II, Cinemundi, Santa Helena, banheiros públicos (principalmente os das praças da República, Arouche, Paissandu, Ramos de Azevedo e dos cinemas e bares citados), estações de ônibus inter-municipais, estações de estrada de ferro e quartéis.

Não é difícil perceber as razões da concentração dos homossexuais nessa área. Segundo pensamos, o sistema de classificação de áreas urbanas, utilizado por Burgess (*) em linhas gerais encontra aplicação em São Paulo. Podemos delimitar de maneira geral, as áreas concêntricas (de desorganização, habitação e industrial); apenas elas passam em nossa cidade por um série de fracionamentos e superposições. Tendo-se em vista o problema que atualmente focalizamos, no entanto, a área de desorganização aparece como inclusiva da área de concentração de homossexuais. Dados de observação mostram que se superpõem, nessa área, atividades

classificadas como índices para a caracterização de áreas de desorganização como casas de cômodos, prostituição, apartamentos pequenos, concentração de bares, dancings, boîtes, cinemas, criminalidade, vadiagem, homossexualismo, boêmios. Lucila Hermann, em 1944 já indicava os limites da área de desorganização e fazia uma caracterização geral. 'O centro transborda-se sobre as chácaras residenciais de Liberdade, sobre a residência campestre do Barão de Itapetininga (Chácara do Chá na baixa recoberta pelos atuais viadutos), sobre a rua residencial de luxo do Rosário dos Pretcs (atual XV de Novembro), sobre as várzeas do Anhangabaú, etc.. Na radial que estudamos (São João caminho da Lapa) consideramos como deterioração toda a parte da avenida São João até quase seu final, isto é, a Alameda Glete. Os índices econômicos e os aspectos exteriores das casas permitem a observação. A deterioração moral não acompanha a material em toda a sua extensão, mas concentra-se em certos trechos onde encontramos grande número de casa de perdição, cabarés, grande concentração de vícios, de tóxicos, de indivíduos solitários (homens e mulheres vivendo sózinhos em apartamentos, garçonnières), etc.. O comércio ligeiro e de retalhos, a manufatura ligeira substituem os grandes armazéns e casas comerciais do centro, criando, um tipo diferente de casa comercial, um processo diferente de comércio. (...) É uma área de grande mobilidade material, locomoção, mudança de residência, viagens. Os indivíduos desta área não se sentem presos a ela por laços econômicos (propriedade de imóveis, emprêgo fixo, etc.). Apenas as meretrizes, poderíamos dizer, encontram aí, afinidade e centro profissional. Mas essas não possuem a mesma liberdade de escolha dos outros grupos sociais. Constantemente controladas pela polícia de costumes, são freqüentemente obrigadas a se mudarem para outras zonas impostas pelas autoridades. Não possuem também laços sociais (família, parentela, relações sociais de vizinhança, respeito humano, associações, etc), assim se sentem mais independentes para se afastarem e mudarem. Essa mobilidade material acarreta, acompanha e intensifica uma grande mobilidade moral. É a zona de maior variedade de religião, cultural, sentimentos políticos, nacionalidade, côr, raça, etc.. Em contacto intenso o que determina uma mentalidade propensa à aceitação rápida das inovações e uma fixação mínima dos tabus, convenções, códigos de moral comum. Provam essa afirmação: essa área de

(*) Burgess, E. W., "The Growth of the City — An Introduction to a Research Project"; Robert E. Park e colab., "The City", etc.

maior número de cabarés, meretrício, hotéis, casas de encontros clandestinos, etc.. Os dados censitários revelariam: ser a zona em que encontramos uma percentagem grande de indivíduos estrangeiros, 32% sobre a população total da área; de homens 52%; de solteiros 72%; etc., em compensação é a área onde encontramos maior número de indivíduos alfabetizados 96%, de profissões 28%, corroborando com o grande número de escritórios; de comerciais 23%; ocupa o segundo lugar em percentagem de adultos com emprego 74%. Em compensação encontramos a representação mínima de crianças, 6%, o que vem confirmar nossa observação de ser esta zona a de maior concentração de indivíduos solitários ou vivendo em uniões ilícitas" (*)

As condições apontadas se intensificaram de 1944 em diante. Se um dos fatores ressaltados — prostituição — teve destruído, legalmente, seus focos mais evidentes, pelas determinações da polícia de costumes, de fato, porém, persistem e com maior visibilidade pela própria disseminação dos prostíbulo e pelo fato das prostitutas atraírem os comparsas que passam no próprio passeio público (o que se passa, em grande parte, na área mencionada e nos aludidos apartamentos ou casa de cômodos). As outras características apontadas se encontram, na atualidade, ainda mais pronunciadas, com o desenvolvimento da vida noturna e o aumento do número de cinemas, boites, taxi-girls, bares, hotéis, etc. Toda essa região de prazer e de exploração organizada do vício começa a viver com o entardecer e acha a sua maior agitação nas noites de sábados e nas vésperas dos feriados. A diminuição das sanções, a concentração de grupos masculinos para a procura de prazeres sexuais ou de lazer, são basicamente fatores que servem de catalizadores de grupos homossexuais.

Uma observação ligeira da visibilidade do homossexual poderia indicar a existência de indivíduos isolados, que manifestam comportamentos sociais tidos como homossexuais, tendendo a indicar a inexistência ou existência em grau reduzido de interação entre os indivíduos com os mesmos caracteres e a formação de grupos homossexuais, dotados de unidade interna. Vários fatores, porém, têm a sua importância para explicar esse resultado. O com-

(*) Hermann, Lucila, "Estudo do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial — A Estrada do Café (1935)", in *Revista do Arquivo Municipal*, Ano X, vol XCIX, S. Paulo, 1947, pg. 31-33.

portanto homossexual, sancionado negativamente pela sociedade, faz manifestar a reação societária com a força de um tabu social, e desenvolve a necessidade de encobrir o melhor possível as suas manifestações. Ela faz com que grande número de homossexuais desenvolvam a necessidade do "passing", visando conseguir sua classificação como heterossexuais. Em consequência, os grupos homossexuais ficam reduzidos ao pequeno número dos que demonstram característicos aparentes e que assim asseguram visibilidade a esses grupos. De outro lado, poder-se-ia pensar que a competição entre os indivíduos que desejam alcançar o mesmo objetivo, poderia ser uma razão bastante poderosa para agir como força que impedisse o incremento da interação, tornando-se um impedimento para a formação de unidade grupal. Mas, várias condições agem em sentido oposto, fazendo com que exista a possibilidade de formação do grupo de homossexuais e sua integração normal. Algumas delas seriam a própria posição de marginalidade em que se vê colocado o homossexual em relação à sociedade global, aparecendo o grupo como modo de defesa e segurança dos indivíduos; a necessidade de vida em grupo, que não pode ser desempenhada satisfatoriamente em outras aglomerações da sociedade global, devido às sanções contra o homossexual que só em seu meio próprio encontra oportunidades de satisfação de suas necessidades psicossociais.

Assim, apesar da visibilidade do grupo se fazer através de indivíduos isolados e de cliques, ele tem uma existência real e possui para os seus componentes o mesmo significado que os demais grupos. A sociedade global, porém, vem tomando mais consciência da extensão do número de indivíduos que fazem parte do grupo homossexual porque há certas datas e certos locais em que há concentração de homossexuais (no Carnaval, o baile do Teatro João Caetano e do Recreio, por exemplo, no Rio de Janeiro ou os efeitos da evolução de São Paulo, enumerados acima), salientando-se então, a importância numérica e atuante do grupo.

A determinação de uma categoria social exige a existência de característicos comuns partilhados pelos membros ou componentes do agregado social considerado. Um único caráter escolhido, pode discriminar uma população segundo categorias sociais, sendo desnecessário que os indivíduos, pertencentes a uma mesma cate-

goria, tenham contacto, comunicação ou relações interpessoais. Mesmo a proximidade não está implícita no conceito de categoria social. (*) A definição do homossexual, portanto, implica, como já dissemos anteriormente, numa pluralidade de pessoas que são reconhecíveis através desse caráter e podem ser estudadas como uma unidade social. A população discriminada só tem em comum esse caráter — comportamento homossexual. Na medida em que passamos a considerar outros característicos, como sexo, por exemplo, somos levados a categorias mais restritas que a anterior como o homossexualismo masculino e homossexualismo feminino. A explicitação da categoria levantada serve imediatamente para indicar o tipo de indivíduos que dela participam e os que dela são excluídos pois divide o grupo social global em duas semipopulações exclusivas: a dos heterossexuais e a dos homossexuais.

O enunciado da categoria social que poderia interessar no estudo do homossexualismo masculino em São Paulo vai determinar portanto os indivíduos que fazem parte dessa categoria. Esses indivíduos podem ser discriminados segundo vários critérios. Continuando com o critério sexo podemos trabalhar agora com o tipo de comportamento homossexual predominante e encontramos três: homossexual passivo; homossexual duplo; homossexual ativo. Os homossexuais passivos masculinos são aqueles, que durante o ato sexual desempenham papéis que podem no contexto da situação, ser assimilados aos da parceira feminina. Nesse tipo ainda poderíamos distinguir duas espécies de homossexuais. Em primeiro lugar estão aqueles que não só representam durante o ato sexual o papel passivo como também em outras situações têm a preocupação de demonstrar um comportamento construído segundo estereótipos e padrões da personagem feminina (travesti). Com frequência usam maquilagem, procuram imitar ou produzir atitudes “femininas” e chegam, às vezes, à utilização de hormônios para realçar o desenvolvimento de caracteres secundários femininos. Em segundo lugar, estão aqueles que só desempenham papéis femininos durante o ato sexual, mas que em outras situações de vida, externam o maior número possível de atitudes tidas como ‘masculinas’. Os homossexuais duplos são aqueles que desempenham no ato sexual tanto o papel masculino quanto o femini-

no; comportam-se, em geral, segundo padrões de comportamento ‘masculinos’. Os homossexuais ativos são aqueles que só representam papéis masculinos nas relações sexuais. Podem ser considerados, na totalidade, subjetiva e externamente como ‘masculinos’.

Apesar da categoria ser constituída por pessoas que têm um ou mais característicos em comum mas não estão necessariamente em contacto e comunicação é obvio, no entanto, que alguns desses indivíduos podem coexistir e conviver em grupos concretos. As características comuns, que estão na base da categoria, contribuem também para que os indivíduos desenvolvam relações emocionais entre si, formem agregados ou associações específicas e acabem mantendo, cooperativamente, atividades de caráter grupal.

Nos agregados formados por homossexuais, o conjunto de indivíduos que o efetivam estão em proximidade física apesar da inexistência de uma comunicação recíproca. Os indivíduos que fazem parte do agregado formam uma massa, estando fracamente associados. A base territorial do agregado social homossexual teria a sua existência naquilo que anteriormente situamos como ‘região moral’ dos homossexuais de São Paulo. Nessa região, os indivíduos, apesar de serem relativamente anônimos (no sentido de que são muitas vezes ‘estranhos’) possuem uma certa sensibilidade para destacar, no conjunto de pessoas que nessa região se distribuem, aquelas que são homossexuais. É através de certas peculiaridades de comportamento — como gestos, maneira de falar ou andar, companhias preferenciais, roupas que usam, fatos, objetos e situações que atraem a atenção — que os homossexuais se identificam ainda que não se conheçam. Esse conhecimento anônimo cria leves modificações de comportamento nos indivíduos que fazem parte do agregado, apesar de não chegar a ligá-los entre si de modo permanente e organizado. Isso é evidente pois a proximidade física e a consciência da mesma condição sexual comum não impedem a existência de certas barreiras inerentes às diferenças de classe social, nível educacional, idade, grau de ostentação do comportamento homossexual, etc. O que demonstra que vários fatores limitam os contactos sociais dos homossexuais no agregado que constituem. No agregado encontramos, no entanto, indivíduos que mantêm relações de caráter impessoal e formal de modo regular e constante. Formam, assim, as associações que estrava-

(*) Fichter, “Sociology”, University of Chicago Press, 1955, cap. III

sam a base espacial da "região moral" e chegam a incluir indivíduos estranhos à área. Elas abrangem, inclusive, homossexuais que embora se conheçam formalmente (através de festas homossexuais, bailes de carnaval ou de apresentações de outros homossexuais), só têm contatos ocasionais e rápidos. Apesar das relações serem pouco intensas e íntimas, os indivíduos se identificam como membros de uma associação e interagem de maneira formal e organizada.

Por fim, no nível de maior complexidade das relações sociais encontramos o grupo homossexual propriamente dito. Uma das características básicas consiste em que os membros são identificáveis, inclusive pelos estranhos. As sanções negativas e a facilidade de identificação dificultam a sua constituição e preservação. Uma das suas vantagens, entretanto, consiste na proteção dos membros, pelo anonimato que garantem e pelo segredo de que cercam as atividades desaprovadas de seus membros. O conhecimento da unidade grupal, por pessoas exteriores a ele, torna-se difícil pela posição de marginalidade dos papéis representados pelos membros como e enquanto homossexuais, o que coloca amplas áreas de suas vidas, nesse setor, na condição de "covert". No entanto, o grupo é identificável por indivíduos que possam estabelecer qualquer contato que facilite a visibilidade. Sejam, por exemplo, os indivíduos heterossexuais, que entram em contato com os membros do grupo. Eles reconhecem perfeitamente o grupo homossexual e sua unidade, indicando a existência de barreiras que separam as duas amplas categorias masculinas-homossexual e heterossexual. De outro lado, existe uma situação peculiar na formação do grupo homossexual, que vai de certo modo dificultar a sua classificação através desse critério por observadores externos e estranhos. É que, apesar do comportamento sexual estar na base da formação do grupo, servindo de ponto inicial de contacto entre os indivíduos, classificando-os socialmente numa categoria marginal e por isso mesmo colocando-os com maior intensidade em contato, na medida que se estabelece a interação, a base sexual efetiva desaparece. Sobreexistem, apenas, atos que só poderiam ser classificados como sexuais secundariamente, como abraços, beijos, dança, etc.. Nesse caso, as funções do grupo são orientadas basicamente, para atividades de lazer e em menor grau, para interesses educacionais, econômicos, etc.

Os critérios de estruturação do grupo são, fundamentalmente, os existentes na sociedade global. As pessoas ocupam posições devidas a caracteres individuais de classe social, posição econômica, atividade, prestígio associado ao nome de família, educação, relações sociais com a sociedade global, e outros atributos, que passam a ser valorizados com maior insistência como simpatia pessoal, facilidade de contatos, brilho individual, beleza, número de admiradores e da interação em unidades maiores e interdependentes. Existem posições de subordinação e superordenação, não só nos agrupamentos informais como no grupo inclusivo, mas esses traços são comprometidos por uma competição que, apesar de não se desenrolar exclusiva e totalmente no grupo (a competição sexual fora do grupo e a competição por evidência ou prestígio dentro do grupo) se manifesta continuamente na vida grupal.

O grupo homossexual tem um grande poder sobre o comportamento dos seus membros. Parece-nos que isso se deve, essencialmente à posição peculiar do grupo, de ser o único cenário possível para a efetivação do tipo de vida compatível com os anseios e necessidades do homossexual. Só dentro do seu grupo encontra aprovação e as possibilidades de agir, sem as sanções ou barreiras existentes fora do grupo. No seu meio, os indivíduos se sentem em contato com pessoas que são capazes de compreendê-los e de incentivá-los; os demais grupos da comunidade, ao contrário, tendem a reprimir os aspectos da personalidade homossexual, valorizados negativamente em nossa cultura. O grupo homossexual dá ao seu componente a máxima liberdade de auto-realização e de manifestação nesse sentido, pois é essa sua função principal. A modificação do comportamento individual ao lado da integração no plano psicossocial e moral no grupo, em certos casos é tão grande (principalmente em indivíduos que têm experiências anteriores como homossexuais duplos e ativos), que parecem pessoas diversas, tal a modificação do caráter dos agentes e a oposição dos papéis vividos dentro e fora do grupo.

Outra função importante, preenchida por esse grupo é a socializadora: os novos membros realizam e completam, nêle, a formação e o desenvolvimento da personalidade do homossexual. Além dos pares de confiança, são no grupo aprendidas, ensinadas ou relatadas, novas formas e técnicas de prazer sexual, esta-

belecem-se contactos com heterossexuais conhecidos ou não, padrões de homossexualismo são aprendidos, discute-se sobre modas, carnaval, festas homossexuais, etc. É no grupo que os homossexuais se iniciam e são classificados, perdem as suas inibições de viver e mostrar-se como homossexuais, aprendem a desfilar, usar roupas femininas e meios de atração e defesa do parceiro sexual. Em suma: êle representa para o homossexual, um ponto de apoio psicossocial e moral; oferece-lhe segurança, maior conforto, perspectivas de ter uma vida organizada com centros de interesses e valores próprios. Se êle não explica, totalmente, a diferenciação da personalidade do homossexual no plano biopsicológico, é a agência sócio-cultural, por excelência, que seleciona, regula e orienta os ideais de vida do homossexual passivo.